

Retrato da Sustentabilidade no Mercado de Capitais é tema de reunião aberta no dia 1º de abril

Inscreva-se para debater os caminhos da agenda ESG no setor financeiro

No dia 1º de abril, às 10h30, vamos mergulhar na **agenda de sustentabilidade no mercado de capitais**. Teremos uma reunião aberta para debater os resultados da quarta edição da nossa pesquisa sobre o tema, em parceria com o Datafolha, e entender os rumos dessa pauta daqui para frente. O encontro é online e gratuito, [basta se inscrever](#).

A reunião contará com **Cacá Takahashi**, nosso diretor e coordenador da Rede ANBIMA de Sustentabilidade; **Annelise Vendramini**, líder da Rede e professora da FGV; **Luzia Hirata**, gerente de ESG da Santander Asset Management; e **Marcelo Billi**, nosso superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação.

Durante o bate-papo, vamos [apresentar os resultados da pesquisa](#), entender o que eles mostram sobre o **futuro da agenda ESG** no setor financeiro, debater os impactos do atual **cenário macroeconômico** no tema e analisar caminhos para fortalecer essa pauta no mercado.

A reunião é voltada para profissionais de instituições financeiras que atuam com gestão de ativos, sustentabilidade, ESG e áreas correlatas, além de demais pessoas interessadas no tema. [Inscreva-se e participe!](#)

Esse encontro faz parte da agenda do [ANBIMA Em Ação 2026](#) e também está **Na Trilha do ANBIMA Summit**, eventos com assuntos quentes, relevantes e indispensáveis para o mercado.

A pesquisa

O levantamento mostra que a sustentabilidade segue reconhecida como tema de grande importância para o mercado de capitais, com mais da metade das casas (63%) afirmando que a pauta ganhou relevância nos últimos 12 meses. Os dados também mostram que a expectativa é positiva para o futuro: uma em cada três casas (33%) pretende estruturar ou gerir fundos sustentáveis nos 12 meses seguintes. [Saiba mais sobre os resultados](#).

Conheça o ANBIMA em Ação 2026

O ANBIMA em Ação 2026 é o conjunto das principais iniciativas estratégicas da associação para este ano. Esse planejamento está ancorado em três frentes principais: desenvolvimento de mercados, institucional e transformação. [Confira o plano completo](#).

Trinta e um por cento das mulheres brasileiras já investem, aponta Raio X do Investidor Brasileiro

Levantamento revela que das mulheres que já investem, 40% priorizam ganhos imediatos e liquidez total, mesmo que isso resulte em rentabilidades menores

De acordo com dados da 9ª edição do **Raio X do Investidor Brasileiro**, da **Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais)**, realizado em parceria com o Datafolha, 31% das **mulheres brasileiras já são investidoras**. Esse dado mostra que ainda há espaço para o público feminino avançar quando o assunto é finanças, tendo em vista que entre os homens esse percentual sobe para 41%.

O levantamento aponta também que há uma lacuna de educação financeira entre os dois públicos.

Enquanto 69% das mulheres ainda não utiliza ou desconhece aplicações financeiras, entre os homens este número cai para 53%.

Outro dado revelado pelo estudo é que o produto mais utilizado pelas mulheres é a caderneta de poupança, citada por 69% das investidoras. Na sequência, vêm os títulos privados, com 16% e os fundos de investimentos (10%). Entre os homens investidores, a poupança também ocupa o topo do ranking, mas com percentual bem menor (54%).

“O principal entrave para a migração das mulheres rumo a ativos mais dinâmicos e com possibilidade de rentabilidade maior é a ‘urgência pelo presente’”, explica Marcelo Billi, superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação da Anbima. “De acordo com nosso estudo, 40% das investidoras priorizam ganhos imediatos e liquidez total, mesmo que isso resulte em rentabilidades menores”.

Apesar dos obstáculos que ainda limitam sua participação no mercado financeiro, as mulheres que investem demonstram objetivos bem definidos para o retorno de seus recursos. A compra de imóveis aparece no topo das prioridades, citada por 32% delas. Em seguida vem a decisão de manter o dinheiro aplicado (20%), o interesse por viagens (13%) e o investimento em educação (6%), indicando uma combinação de segurança patrimonial e desenvolvimento pessoal.

Entre os homens investidores, o cenário inicial se repete: 32% também miram a aquisição de um imóvel, e 23% preferem manter o valor aplicado. Mas as curvas se separam quando o assunto é planejamento de longo prazo. A reserva para a velhice e a aposentadoria é mencionada por 13% deles – percentual significativamente maior que o das mulheres, que registram 8%.

Neste ano, **a pesquisa indica que 37% das entrevistadas pretendem investir ao longo de 2026**. Esse grupo é formado majoritariamente por mulheres que já são investidoras e desejam continuar aplicando (24%). Somam-se a elas 12% que ainda não investem, mas planejam ingressar no mercado financeiro em breve, e uma pequena parcela de 1% que, embora hoje invista em outros tipos de bens, pretende migrar para produtos financeiros.

“As mulheres precisam de instrumentos que permitam construir um futuro com segurança, bem-estar e proteção social. O mercado de capitais pode desempenhar esse papel ao ampliar o acesso a investimentos que fortalecem a autonomia financeira”, diz Billi. “O dinheiro empodera a mulher até para ela conseguir dizer não a situações em que se sentir vulnerável ou sob ameaça.”

Sobre o Raio X do Investidor Brasileiro

A 9ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro retrata a população com 16 anos ou mais, o que equivale a mais de 168 milhões de pessoas, sendo 48% homens e 51% mulheres economicamente ativas, com uma média de idade de 44 anos. O estudo ouviu 5.832 pessoas em todas as regiões do país entre os dias 4 e 21 de novembro de 2025. A versão completa do levantamento será apresentada em breve pela Anbima.

No recorte de gênero, a pesquisa destaca que 61% do público feminino já possuem algum tipo de renda, com uma média de idade de 44 anos. Entre as mulheres que já investem, a maior concentração está na classe C, que responde por 50%, enquanto as classes D/E somam 15% e as A/B representam 34%.

Poupança perde espaço entre mulheres investidoras, mas ainda concentra 69% do público, revela Raio X do Investidor Brasileiro

Mesmo com a preferência pela segurança da caderneta, mais mulheres começam a diversificar e buscar investimentos de maior possibilidade de retorno

Embora o uso da caderneta de poupança ainda alcance 69% das mulheres investidoras, o produto

vem perdendo força: desde 2021, sua participação caiu 14 pontos percentuais, de acordo com a 9ª edição do Raio X do Investidor Brasileiro, realizado pela Anbima (Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais) em parceria com o Datafolha. O movimento reflete o avanço gradual da diversificação e o crescente interesse das brasileiras por outros tipos de ativos.

De acordo com o levantamento, 31% das mulheres brasileiras são investidoras. Desse grupo, 16% investem em títulos privados (crescimento de nove pontos percentuais nos últimos cinco anos) e 10% aplicam em fundos de investimentos (quatro pontos percentuais a mais em relação a 2021). Moedas digitais (7%), ações (3%), títulos públicos via Tesouro Direto (4%), previdência privada (5%) e moedas estrangeiras (3%) completam os investimentos mais populares entre as mulheres.

Essa transição reflete o dilema entre a proteção e o ganho: enquanto a poupança é valorizada pela simplicidade, liquidez imediata e percepção de segurança, os títulos, ações e fundos ganham espaço por oferecerem possibilidade de retornos superiores. Esse cenário divide as prioridades, de acordo com o Raio X do Investidor: entre as investidoras, 31% veem o retorno financeiro como a principal vantagem de aplicar o dinheiro, enquanto 27% priorizam a segurança financeira.

“O ‘medo de arriscar’ está sendo substituído aos poucos pela busca consciente por proteção contra a inflação e pela percepção de que aceitar pequenas oscilações pode ser benéfico a longo prazo”, afirma Marcelo Billi, superintendente de Sustentabilidade, Inovação e Educação da Anbima. “Esse movimento é impulsionado por diversos fatores, como a redução dos tickets de entrada para grande parte das alternativas de investimentos, a emergência de arquiteturas abertas de distribuição, a crescente inclusão financeira promovida por instituições de pagamentos e bancos digitais e a democratização das fontes de informação, com a atuação dos influenciadores digitais”, completa.

Construção da reserva de emergência

Apesar desse avanço na diversificação, a formação do “colchão financeiro” continua sendo o maior desafio estrutural. Hoje, 13% das mulheres investidoras não têm qualquer reserva de emergência. Entre as principais barreiras para essa segurança estão o custo de vida: 27% das entrevistadas que investem afirmam que seus gastos superam a renda mensal e 47% vivem no “zero a zero”, com despesas equivalentes aos ganhos.

Esse desequilíbrio entre a renda e os gastos aparece como um dos principais entraves para que mais mulheres consigam investir e para que o setor cresça. O estudo revela baixa resiliência financeira entre as mulheres: somente 36% das investidoras possuem reserva para seis meses ou mais. Quando incluímos também na amostra as mulheres que não conseguem investir (ou seja, as investidoras e as que não investem), o cenário é mais crítico, com apenas 20% do contingente contando com reserva de emergência com mais de seis meses.

Sobre o Raio X do Investidor Brasileiro

Em sua 9ª edição, o Raio X do Investidor Brasileiro é o maior estudo sobre o comportamento financeiro do país. Retrata a população com 16 anos ou mais, o que equivale a 168,1 milhões de pessoas economicamente ativas (48% homens e 51% mulheres), com média de idade de 44 anos. O estudo ouviu 5.832 pessoas em todas as regiões do país entre os dias 4 e 21 de novembro de 2025. A margem de erro é de um ponto percentual.

Fonte: [Anbima](#), em 11.03.2026.